

A representação através do feminino na caricatura pelotense oitocentista

FRANCISCO DAS NEVES ALVES









A representação através do feminino na caricatura pelotense oitocentista





CONSELHO EDITORIAL

Alvaro Santos Simões Junior

- Universidade Estadual Paulista - Assis -

António Ventura

- Universidade de Lisboa -

Beatriz Weigert

- Universidade de Évora -

Carlos Alexandre Baumgarten

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos

- Universidade do Vale do Rio dos Sinos -

Ernesto Rodrigues

- CLEPUL - Universidade de Lisboa -

Francisco Gonzalo Fernandez Suarez

- Universidade de Santiago de Compostela -

Francisco Topa

- Universidade do Porto -

Isabel Lousada

- Universidade Nova de Lisboa -

João Relvão Caetano

- Cátedra Infante Dom Henrique (CIDH) -

José Eduardo Franco

- CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Maria Aparecida Ribeiro

- Universidade de Coimbra -

Maria Eunice Moreira

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Vania Pinheiro Chaves

- CIDH e CLEPUL - Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves

A representação através do feminino na caricatura pelotense oitocentista





Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande 2020

DIRETORIA DA CÁTEDRA INFANTE DOM HENRIQUE PARA OS ESTUDOS INSULARES ATLÂNTICOS E A GLOBALIZAÇÃO

Diretor: José Eduardo Franco **Diretor-Adjunto:** João Relvão Caetano **Secretária:** Aida Sampaio Lemos **Tesoureira:** Joana Balsa de Pinho

Vogais: Maurício Marques, Paulo Raimundo e Carlos Carreto

DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

Presidente: Francisco das Neves Alves Vice-Presidente: Pedro Alberto Távora Brasil Diretor de Acervo: Mauro Póvoas 1º Secretário: Luiz Henrique Torres

2º Secretário: Ronaldo Oliveira Gerundo 1º Tesoureiro: Valdir Barroco

2º Tesoureiro: Roland Pires Nicola

Ficha Técnica

- Título: A representação através do feminino na caricatura pelotense oitocentista
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Rio-Grandense, 35
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra Infante Dom Henrique para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Março de 2020

ISBN - 978-85-67193-42-7

Apresentação*

Em meio à produção artístico-iconográfica oitocentista, a caricatura foi um espaço no qual a mulher-símbolo teve uma presença recorrente. Revelando as realidades e vivências sociais sob um prisma caricatural, essa arte gráfica teve a imprensa como um de seus veículos mais notáveis. Nessa linha, tais periódicos ilustrados se espalharam pelo mundo, desencadeando-se o mesmo processo histórico no Brasil, notadamente na segunda metade do século XIX. As maiores cidades brasileiras passaram a contar com semanários caricatos, o que viria também a ocorrer na mais meridional unidade do país, o Rio Grande do Sul, incluindo entre tais localidades a de Pelotas, cujas folhas caricatas são abordadas neste livro.

Algumas representações se estabelecem no sentido da configuração de uma leitura natural da imagem, ao menos da imagem figurativa, levando em conta a rapidez da percepção visual e a simultaneidade aparente do reconhecimento do seu conteúdo e da sua interpretação. Podem então ficar demarcados esquemas mentais e

-

^{*} Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018) e à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de cento e trinta livros.

representativos universais, arquétipos ligados à experiência comum em meio às sociedades (JOLY, 2004, p. 41-42). De acordo com tal perspectiva, na imprensa caricata pelotense aparecia a mulher como a donzela, a amada ou a *anima* (CIRLOT, 1984, p. 391), revelando uma certa aspiração à transcendência (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1991, p. 421).

Através da caricatura pode ficar expresso um dos papeis dos símbolos, atuando como uma força mediadora. Nesse sentido, o símbolo estende pontes, reúne elementos separados, como o real e o sonho, o inconsciente e a consciência. A todas as forças centrífugas de um psiquismo instintivo, levado a dispersar-se na multiplicidade das sensações e das emoções, o símbolo opõe uma força centrípeta, estabelecendo precisamente um centro de relações ao qual o múltiplo se refere e onde se encontra sua unidade. Nessa linha, o símbolo resulta da confrontação de tendências contrárias e de forças antinômicas, reunindo-as em uma certa relação (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1991, p. XXVII-XXVIII).

Desse modo, a caricatura trazia consigo a possibilidade da construção de mitologias e paradigmas culturais movidos por meio de estereótipos e atitudes em relação à mulher, os quais refletem as normas sociais conscientes e as fantasias predominantes de uma cultura. De acordo com tal perspectiva em torno do feminino pode se estabelecer a edificação da imagem da mulher-deusa, em seus mais diversos desdobramentos. Dentre eles aparecem a materialização do espírito feminino e o catalisador das forças da natureza que irradia o poder dos grandes mitos femininos do mundo clássico (SCHMIDT, 2017, p. 41). No âmbito da imprensa pelotense, o *Cabrion* e *A Ventarola* se utilizaram largamente de tal representação feminina.

SUMÁRIO

Cabrion	9
A Ventarola	45
- Apêndice - Imagens da república-mu	ılher93

Cabrion

Uma publicação ilustrada e humorística que circulou na cidade de Pelotas foi o *Cabrion*, editado entre 1879 e 1881. De início se apresentava como folha ilustrada de assuntos políticos e sociais, mas depois simplificou o dístico, resumindo-o para folha ilustrada e humorística. Seu título repetia o de várias folhas do mesmo gênero espalhadas pelo mundo e fazia referência ao ato de importunar, molestar ou perseguir incessantemente, bem de acordo com suas práticas críticas, ferinas e chistosas, típicas da imprensa caricata.

Em seu programa, o periódico explicava que, no alcazarino banquete da imprensa que firmava sua existência na gargalhada, a qual rebentava franca e expansiva, tomava lugar o Cabrion. Considerava que o seu aparecimento, natural e lógico, mais uma vez, realizava o prolóquio francês: "Lê roi est mort, vive le roi!". Apontava que sua publicação constituía uma tradição, um tipo que ressurgia da história para perseguir no presente a desonestidade, o abuso e a vilania. Garantia que teria sempre um culto para o bem, uma homenagem de justiça para o mérito, consagrando todos os seus esforços em prol da democracia legítima. Explicava também que desprezava a política de campanário, a falsa política que amesquinhava caráteres e degradava a opinião, de modo que seria severo apreciador dos atos de todos os partidos e de seus pró-homens. Demarcava ainda que riria em face de tudo e de todos, mas o faria sem ferir, sem o motejo dos petulantes, sem o escárnio maligno e estúpido dos comediantes sociais, exercendo a crítica nos limites da decência, ou seja, a crítica que castigava, mas não magoava, divertia, mas não provocava expansões de ódio.

Em tais termos, saudava o respeitável público leitor (CABRION, 10 fev. 1879, p. 2).



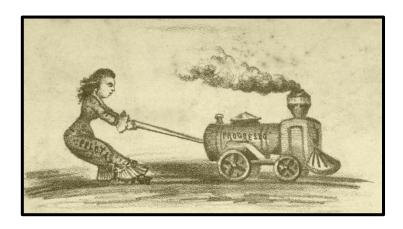
As representações com inspiração no feminino foram uma constante nas edições do *Cabrion*. A cidade na qual o periódico era publicado constituiu uma das recorrentes a ser apresentada como mulher. Nessa linha, personificado como o próprio cabrião, de crayon à mão, o periódico anunciava-se ao público das duas urbes vizinhas, Rio Grande, designado como um ancião, e Pelotas, como uma dama bem vestida, vindo a afirmar: "E com esse bafejo bíblico, só esperamos receber um beijo de Pelotas e... irra!... vá lá! um abraço do Rio Grande! Venha de lá seu velhote..." (CABRION, 10 fev. 1879, p. 5).



Pelotas, sob as roupagens de uma bela dama, aparecia também para prestar uma homenagem, entregando uma coroa de louros, mostrando-se agradecida ao homenageado (CABRION, 18 maio 1879, p. 1). O tom era o mesmo em quadro pelo qual a dama-Pelotas se preparava para recepcionar uma liderança política, tendo às mãos um ramalhete de flores e vários foguetes (CABRION, 11 ago. 1879, p. 1). A representação feminina puxada por uma locomotiva buscava designar os progressos da comunidade pelotense: "Pelotas vai na senda do progresso" (CABRION, 16 maio 1880, p. 4-5). Ainda nesse sentido, era mostrada a caminhada de um político e seu interesse em seduzir a cidade, identificada como uma jovem coberta por um manto: "E hoje parecemos um janota; querendo conquistar a interessante Pelotas" (CABRION, 20 jun. 1880, p. 5).





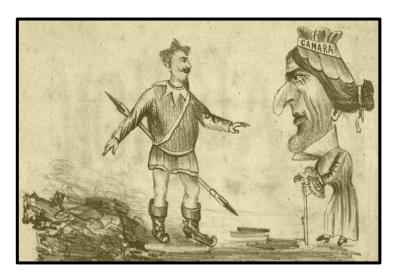




Ainda no âmbito das estruturas locais, o *Cabrion* serviu-se da simbologia feminina para demarcar a presença da câmara municipal. Em tom crítico, o cabrião desafiava uma velha senhora que representava a tal entidade,

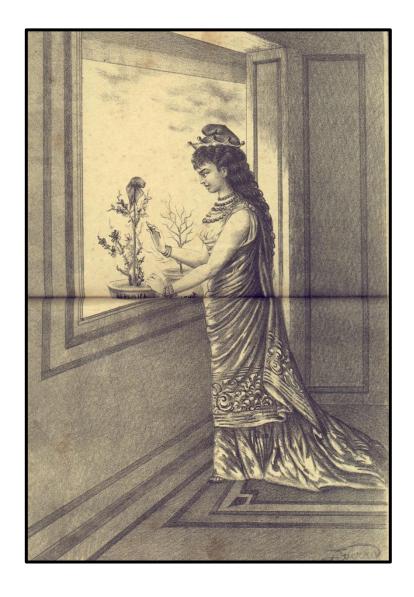
acusando-a de manter certas "preferências" na escolha dos prestadores do serviço de recolhimento dos recipientes dos dejetos domésticos. A legenda era: "O asseio velho fez suas despedidas, e o novo está só em campo. A câmara tapa os olhos... para evitar o aroma" (CABRION, 3 mar. 1879, p. 8). O tema prosseguia em outra edição, com o cabrião mostrando um amontoado de lixo à velha-câmara: "Escute?... veja isto e tome o olfato" (CABRION, 6 abr. 1879, p. 8). Mantendo a crítica à administração municipal, no que tange à proliferação geral de taxações, o jornal mostrava novamente a câmara como uma velha senhora com um cajado em uma mão e o papel da cobrança de impostos na outra: "Esta também vai decretar um imposto aos vendedores de bilhetes, de 10% sobre os prêmios que vender" (CABRION, 4 jan. 1880, p. 5).







Do local, o periódico passava ao regional no uso da iconografia feminina. Revelando uma das identidades ideológicas da folha. quanto aos princípios antimonárquicos, era apresentada a província sulina como uma dama vestida com luxo, que cuidava de uma planta, identificada com a forma republicana, pela presença do barrete frígio. A legenda era sútil, limitando-se a pergunta "Pegará?..." (CABRION, 1º jun. 1879, p. 4-5). A dama-Pelotas encontrava a mulher-província, indicando-lhe que ela deveria homenagear um político: "Vai, entrega esta palma a teu filho" (CABRION, 17 ago. 1879, p. 4-5). Esta damaprovíncia encontrava o mesmo político, mostrando-lhe dois destinos, de um lado uma decaída política monárquica, de outro, um jovem indígena, designando um "porvir" republicano. A legenda dava uma ideia de progressão temporal e possível sucessão entre as duas formas de governo: "Hoje e amanhã" (CABRION, 31 ago. 1879, p. 4-5). Mas o teor crítico também se manifestou ao mostrar uma mulher representando a província, deitada em uma rede, completamente prostrada e inativa. O jornal cobrava maior ação e cuidado para com as atividades produtivas sul-riograndenses. Além disso, aparecia também a silhueta de dois homens que se esgueiravam pelo campo, carregando alguns produtos, em clara alusão à ladroagem, diante da qual, de acordo com a concepção do hebdomadário, a estrutura provincial permanecia inerte. A legenda explicava: "Desta forma não é que se cuida da cultura do arroz" (CABRION, 22 ago. 1880, p. 8).









A conjuntura política de então foi alvo de críticas de parte do jornal. De um lado o semanário observava a "política liberal", como uma senhora que indicava o caminho para um político, paramentado como um gladiador romano, com a inspiração em Marte, o deus da guerra, indicando-o como a salvação para o cenário político imperial da época (CABRION, 18 maio 1879, p. 8). A inspiração era mais uma vez calcada na cultura clássica, ao mostrar novamente a "política liberal" representada por uma dama vendada à beira do abismo, lembrando uma forma de execução da época da Roma antiga. A legenda era: "Detémte desgraçada! Abandonaste o Capitólio e vais cair do alto da rocha Tarpeia! Apoia-te ao meu braço e eu te salvarei. *Cabrion: Vederemo e doppo parlaremo*!" (CABRION, 11 ago. 1879, p. 8).





A câmara dos deputados era outro alvo das censuras do periódico, como ao mostrar tal instituição apresentada como uma mulher na cama, apoquentada e precisando de remédios, sendo observada, à espreita, por um político que se escondia entre as cortinas e cobertas. Perante tal quadro, a folha comentava: "Segundo dizem as gazetas da Corte, por causa da questão Sinimbu, anda a câmara sofrendo cólicas e pesadelos horríveis - no código é onde poderá encontrar receita para seus males!" (CABRION, 15 jun. 1879, p. 4-5). A dama-câmara dos deputados, prostrada e precisando de medicamentos, voltava a ser representada. Um político perguntava-lhe como ela se sentia e a resposta era: "Muito mal Dr., aquelas pastilhas do banco e os remédios politécnicos não me fazem nada bem. Isso não é nada, paciência; que também tenho muita..." (CABRION, 24 ago. 1879, p. 8).







Por outro lado, momento no qual a folha realizava denúncias quanto a roubalheiras generalizadas, a câmara deputados era vista como uma velha senhora, que parecia compactuar com tal situação. Nessa linha, o periódico afirmava: "Esta senhora promete, pensando desta maneira!... no país não há marceneiros, nem pintores, brava gente... toca o hino!!!" (CABRION, 25 jan. 1880, p. 5).

Também quanto à vida política, a eleição era personificada como uma mulher que fugia do assédio dos políticos, cada qual representando uma agremiação partidária – os liberais, os conservadores e os republicanos. A legenda buscava demonstrar que os candidatos estariam tratando o processo eleitoral como um jogo: "Eleição municipal – o *steeplechase* dos partidos (CABRION, 4 jul. 1880, p. 8).

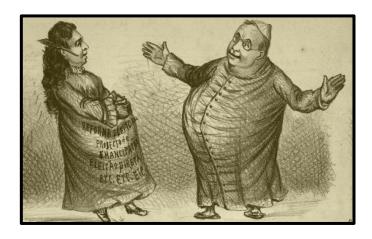


Ainda na perspectiva da crítica política, o hebdomadário mostrava uma cena escatológica, de inspiração religiosa, com a imagem do indígena, que representava o povo brasileiro, crucificado. Um padre, designando o clero, aparecia com o traidor Judas e um homem público era apontado como o bom apóstolo, ao passo que os políticos surgiam ao fundo, como os gladiadores que defendiam a crucificação. A constituição era simbolizada por uma mulher que se prostrava ao pé da cruz, desesperada com tal ato. A legenda mantinha o tom geral do desenho: "O Cristo da atualidade, pregado no alto do

Gólgota, sente aproximar-se seu último momento e, enquanto o bom apóstolo verte lágrimas de dor, Escariotes tripudia em infernal alegria" (CABRION, 27 jul. 1879, p. 4-5).



A política em si também teve suas representações nas páginas do Cabrion, em um conjunto caricatural. Nele aparecia uma senhora que se encontrava grávida, em alusão aos projetos reformistas que tramitavam no parlamento, como a reforma eleitoral, o projeto de emancipação e a eleição direta. Ela conversava com um clérigo que se mostrava despreocupado com aquelas reformas, pois, a que lhe dizia respeito era a de natureza religiosa. Tal gravidez era traduzida pela legenda: "A política soberana, mostra-nos estar num estado interessante; e nós desejamo-lhe um bom sucesso". As contradições pragmáticas do partido conservador, notadamente quanto à questão servil, eram demonstradas por uma moça que designava a "política conservadora", acompanhada pela afirmação: "Esta é que se reforma (em certas) eventualidades". Havia ainda outra jovem, a "liberal dissidente", ostentando o cartaz do "verdadeiro programa liberal", em referência comportamento também contraditório de segmentos do partido liberal, explicado pela legenda: "Vai tomando proporções bem favoráveis, pelo que anuncia" (CABRION, 31 out. 1880, p. 4-5).







A adesão do semanário aos ideais republicanos levou-o a lançar mão de várias representações femininas para transmitir a ideia da república, da liberdade política e da revolução. Foi o caso do desenho no qual o índio designando a nação brasileira - dormia em meio a um esplendor natural, de em referência cenário potencialidades nacionais. O personagem sonhava, ficando tal impressão expressa no horizonte, onde aparecia a imagem da mulher-república, de barrete frígio e com o archote da liberdade revolucionária à mão. A legenda trazia a ideia de que uma mudança na forma de governo poderia trazer a emancipação do país: "O sonho do escravo" (CABRION, 22 jun. 1879, p. 1).



O espírito era o mesmo em outra cena na qual o imperador aparecia de joelhos, lamentando-se pela perda do poder, enquanto aproximava-se a figura clássica da damarepublicana, com o seio desnudo, portando uma espada em uma mão e a bandeira do ideal que representava em outra. Ao fundo aparecia apenas a silhueta da representação da revolução, que levava sua flama em frente, a partir da tocha e do incêndio das instituições tradicionais. Na concepção do descaminhos da vida política nacional jornal, os promoveriam inevitavelmente à mudança na forma de governo: "O dia de amanhã - Acreditamos que o estado atual dos negócios políticos preparam-nos este dia" (CABRION, 29 jun. 1879, p. 4-5).



A data da independência nacional serviria também de inspiração para que o hebdomadário pelotense promovesse seu ideário, ao apresentar uma figura feminina de barrete frígio que incorporava em si os ideais libertários e o republicanismo, estando a anunciar mudanças próximas na situação nacional. A resistência do status quo reinante era simbolizada pela férula, no sentido da repressão, pela espada, designando a força militar, o terço e os símbolos clericais, em alusão ao apoio da igreja, todos eles irmanados com a coroa, em referência ao poder monárquico. Ainda que colocados atrás dessa verdadeira barricada situacionista, os políticos se mostravam ameaçados pela transformação vaticinada. A legenda era exortativa: "Povo? Lembra-te do grande dia!... E parte de uma vez os teus grilhões" (CABRION, 7 set. 1879, p. 4-5).



A revolução libertária foi também retratada como uma mulher de barrete frígio, ao lado de um recipiente com petróleo e portando uma bomba e uma tocha às mãos, em clara alusão à luta revolucionária. Ela encontrava-se vestida apenas com um manto, mantendo um seio à mostra, entretanto, permanecia protegida, atrás do escudo da comuna. Tal figura buscava demonstrar um caminho de reação ao povo, um indivíduo em postura subserviente e com a pele de ovelha, totalmente sob o domínio das forças governativas, que impunham os impostos como leis que simplesmente deveriam ser pagos sem contestação. A legenda era mais uma vez concitativa: "Povo vê que essa pele te desdoura!... apela de uma vez para os recursos que esta Sra. dispõe" (CABRION, 18 jan. 1880, p. 4-5).



A liberdade política, uma dama de espada à mão e portando a bandeira do porvir, voltava ao intento de ensinar o Zé Povinho a lutar por ideais de transformação. Ela era orientada pelos princípios da liberdade, igualdade e fraternidade, mas, entre a sua presença e a do povo, antepunha-se o obstáculo da coroa, em alusão à forma de governo reinante. Tal imagem era acompanhada pelo texto: "A musa do futuro, mostrando a estrada brilhante!... mas aquela barreira jamais a derrotamos..." (CABRION, 18 abr. 1880, p. 4-5). Outra comemoração do 7 de Setembro serviria mais uma vez para mostrar a dama-liberdade-república, de barrete frígio, a espada e o pavilhão nacional às mãos, pronta a combater os inimigos que defendiam a situação reinante, apresentados como pássaros que voavam pelo horizonte (CABRION, 5 set. 1880, suplemento).





O republicanismo aparecia também em sua clássica influência externa, apresentando a dama-república francesa, que atacava com um canhão os clérigos e os maus administradores públicos, explicando que a França estava se "divertindo com aquela gentinha" (CABRION, 8 ago. 1880, p. 5). O predomínio do imperialismo dos países monárquicos europeus sobre as repúblicas sul-americanas também foi alvo da crítica da folha pelotense, ao mostrar a dama-república argentina sendo submetida à pressão britânica na cobrança de taxações. A legenda era: "Pobre república, mais esse acréscimo nos cofres do Estado!... do contrário lá estão as *batatinhas* da Inglaterra" (CABRION, 23 maio 1880, p. 8).





Mas a república vizinha aparecia também como uma mulher em atitude nada amistosa e, ao contrário, pronta para o enfrentamento bélico. A visão crítica do jornal questionava se o império estaria pronto para tal confronto: "Parece-nos que a república argentina artilha-se para resistir à justa reclamação que sem dúvida lhe terá de fazer o Brasil, das terras que, segundo dizem os jornais do Paraná, lhe usurpou na margem do rio do mesmo nome e infelizmente nem mesmo só limões há na nossa marinha de guerra, para opormos aos desmandos da Minerva da América. Temos, porém, esperanças que estando a câmara na câmara, tudo envidará para não sermos ensovalhados por uma mulher tão assomada" (CABRION, 12 dez. 1880, p. 8).



A desilusão do periódico para com a situação vigente estendia-se mesmo às estruturas judiciárias, como ao

mostrar a dama-cidade de Pelotas surpresa diante da figura feminina que representava a justiça, depondo a espada e a balança para corromper-se diante da presença de indivíduo que personificava o próprio demônio. Frente a tal circunstância, a folha debochava de tal figura diabólica: "Ele disse na Corte: "Que Pelotas não se ergue naturalmente, que está longe, muito longe de fazê-lo, que lhe faltam elementos para isso, que inicia agora os seus primeiros movimentos, não pelo resultado do trabalho, etc, etc, etc. Ora o *decano!* sebolórum..." (CABRION, 21 nov. 1880, p. 4-5).



A aversão à conjuntura política nacional foi demonstrada também pelo semanário ao aplaudir a criação de um novo órgão da imprensa voltado a tais reivindicações. A novel folha era representada por uma mulher sentada à mesa, com a pena na mão, a escrever sobre a "discussão política liberal radical", recebendo sobre si um facho de luz. A cena era acompanhada do comentário: "Com a aparição da *Discussão*, é de supor que terminem os patoteiros, com que lhes ponham a calva à mostra. Uma nova aurora raiou

para a política do país, acabando-se com a política pessoal que é a causa do atrofiamento dos partidos" (CABRION, 16 jan. 1881, p. 1).



O caráter contestatório do *Cabrion*, não poupava nem mesmo as instituições educacionais e culturais. Foi o caso da caricatura crítica que mostrava os clérigos sufocando o índio-Brasil, enquanto a instrução pública era representada por uma mulher abandonada, seminua e com as poucas roupas que restavam em frangalhos. A legenda era incisiva: "Enquanto estes assim sugam o pobre Brasil, aquela infeliz perece à míngua!..." (CABRION, 25 maio 1879, p. 4-5). Já no campo cultural, o semanário apresentava um indivíduo que interrogava uma jovem, a qual simbolizava a biblioteca pública, ao perguntar-lhe: "A senhora já está embolsada daquele resultado do número... dedicado a Camões?...."; ao

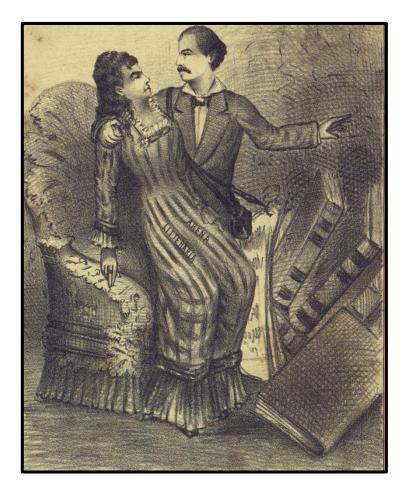
que ela restringia-se a responder: "Não senhor" (CABRION, 18 jul. 1880, p. 4).





Nem mesmo os colegas de imprensa escapavam ao olhar crítico do semanário. Foi o caso das críticas a uma folha literária, representada por uma mulher-escritora, por ter fugido ao seu norte editorial: "A *Arena Literária* deitou artigo em seu quarto número sobre umas eleições municipais, etc, etc. Isto já não era de seu programa, mas aqui a via *Espírito Santo de orelha!*" (CABRION, 6 jun. 1880, p. 8). Em meio a livros e manuscritos, o próprio cabrião encontrava a dama, que simbolizava aquela publicação literária, a qual estaria suspendendo a sua edição. Na cena ele perguntava: "Que é isso queridinha! Deixa-nos tão cedo?..."; ao que ela respondia: "Eu volto, o sono não é eterno" (CABRION, 1º ago. 1880, p. 8).





Inclusive as apresentações artísticas foram observadas a partir da perspectiva censório do jornal pelotense. Um dos alvos esteve relacionado às operas cômicas hispânicas, representadas por uma mulher que lia uma partitura, com a constatação de que: "A companhia de zarzuelas não deixa de ser uma moça interessante, mas a

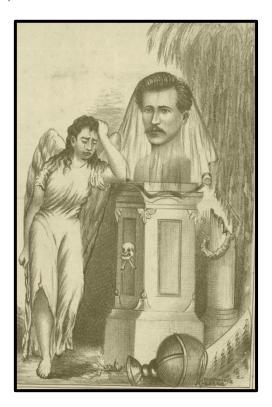
tudo isso pouco simpática" (CABRION, 19 dez. 1880, p. 1). Em outra edição, a opereta espanhola era apresentada como uma dama em postura expressiva, como se estivesse no palco. Tratava-se de uma crítica acerca das precariedades citadinas, acompanhada do comentário: "Quem com certeza não gosta disso é esta Exma. Sra. que, tendo um *variadíssimo* repertório tem dado espetáculos, em que condições?..." (CABRION, 9 jan. 1881, p. 4-5).





As homenagens lutuosas também serviram para demarcar a presença da imagética feminina. Dentre elas esteve uma figura angelical, que articulava em si a presença

da pátria e da memória, a qual vertia "uma lágrima de saudade", frente à "campa de inditoso" militar, que fora "barbaramente assassinado na Corte", (CABRION, 18 maio 1879, p. 5). A iconografia angélica, designando a memória e a saudade, lastimava a morte de uma dama, acompanhada de versos encomiásticos: "Qual lindo botão de rosa / Cortado no seu verdor, / Assim cortados teus dias / Foram sem mágoa, sem dor. / Linda rosa teu aroma / A fria morte invejou; / Anjo de amor, tua vida / Oh negra fada fadou. / Mal haja da morte o golpe / Que tão cedo ceifou; / Mal haja de amor a sina, / Mal haja quem te fadou" (CABRION, 3 ago. 1879, p. 1).





A própria dama-imprensa aparecia chorosa, pranteando o desaparecimento de um jornalista. Nesse quadro, a "imprensa" estaria a depositar "uma coroa de saudades sobre o túmulo do prestimoso cidadão" (CABRION, 18 jul. 1880, p. 8).



Constituindo um centro de intensa vida social na última trintena do século XIX, Pelotas não deixou de servirse do jornalismo caricato, como complemento indispensável a uma imprensa diária de interesses gerais, fortemente atuante como era a sua (FERREIRA, 1962, p. 199). Inaugurador das atividades da imprensa caricata no contexto pelotense, além do veio humorístico, o *Cabrion* especializou-se na prática de um jornalismo eminentemente crítico-opinativo. Na execução de tal perspectiva crítica, não poupando frentes de combate, incluindo entre elas as próprias instituições monárquicas, o hebdomadário abriu amplo espaço para as representações calcadas na iconografia feminina.

A Ventarola

A cidade de Pelotas foi palco ainda para a circulação de outra publicação ilustrada de nome *A Ventarola*, editada entre 1887 e 1890. Praticante da crítica em geral, dedicou especial atenção aos temas políticos, expressando uma postura abertamente republicana. No frontispício, apresentava-se como "folha ilustrada e humorística", mostrando em primeiro plano o próprio instrumento da ventarola, bem como várias alegorias alusivas ao humor, inclusive o bobo da corte, que, além do crayon, também portava o leque sem varetas que dava título ao periódico.

O predominante tom crítico e humorístico de suas páginas já ficava demarcado em seu programa, expresso na forma de versos. A folha se apresentava como catita e perfumada, como a rola, que da moita emerge, voando acalorada, em busca do amante amofinado. Dizia que surgia faceira, mas, sim, à procura de leitores, atuando, apesar do calor sentido no corpo transpirante, desejando que o fresco viesse, a vão brandindo, sem perda de um instante. Considerava que seu destino seria o de fazer rir, pular, folgar, dançar, pretendendo com açúcar seu crayon adocicar e em alfinete a pena convertendo, garantia que seu prolóquio seria castigat mores ridendo. A Ventarola conclamava aos leitores a abanar-se com ela, bem como assiná-la, não se fazendo de rogados. Por fim, determinava que seria expressamente proibido lê-la, sem a ter pago (A VENTAROLA, 10 abr. 1887, p. 2).

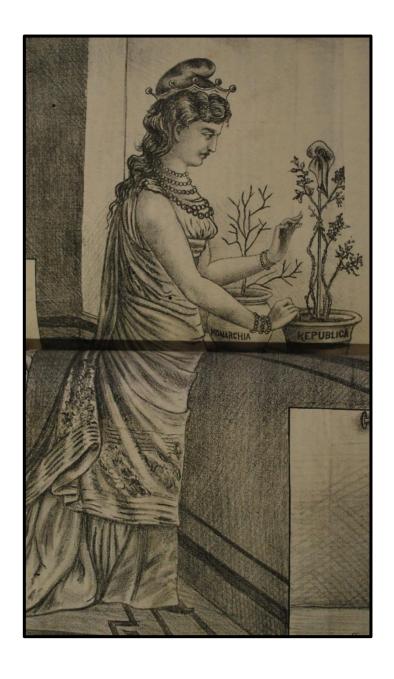


Foram diversificadas as incursões da Ventarola ao universo das representações com base no feminino, mas, de convicções, mulher apareceu acordo com suas recorrentemente como simbologia do republicanismo. Nessa linha, a propaganda republicana encontrava no semanário pelotense ressoante e demorada acústica, não se fazendo ali o menor mistério das tendências antimonárquicas que o inspiravam e nutriam (FERREIRA, 1962, p. 217). Dessa forma, a temática da mudança na forma de governo brasileira por muitas vezes viria a ocupar as páginas do jornal, e, nesse caso, normalmente, a república aparecia sob a tradicional representação de uma figura feminina, no arquétipo que acabaria por se definir como a deusarepública (ALVES, 2008, p. 51).

No caso da *Ventarola*, pelo período em que circulou e pelas manifestações favoráveis à forma republicana, a representação feminina da república corresponderia à etapa de enaltecimento completo à república-mulher, quer seja, a do entusiasmo, a admiração e quase veneração à deusa

republicana. Nesse sentido, desde o seu primeiro ano de circulação, o periódico pelotense manifestou suas convicções contrárias ao regime monárquico e, em várias ocasiões estamparia a figura da mulher como analogia ao anseio pela mudança da forma de governo. A deusarepública foi apresentada, assim, nas mais variadas situações, desde a passar por percalços, até a conquistar vitórias, como o triunfo definitivo, deflagrado a partir da queda da monarquia. A figura feminina designava dessa maneira, primeiramente, o dicotômico embate entre os ideais monárquicos e republicanos e, posteriormente, já nos estertores da existência do jornal, a forma de governo instituída em novembro de 1889 (ALVES, 2008, p. 51).

Uma das primeiras manifestações dessa associação do feminino com o republicanismo deu-se a partir da inclusão de uma ilustração já estampada anteriormente pelo Cabrion. O desenho, entretanto, aparecia com uma adaptação em relação àquela primeira versão, pois a dama que simbolizava a província do Rio Grande do Sul, bem vestida e portando joias, em referência à pujança econômica, cuidava com esmero de uma planta, identificada com a república, pela inscrição e pela presença do barrete frígio, encontrando-se a mesma viçosa e florescente, no sentido da evolução de tal ideário. Por outro lado, também compunha o desenho um vaso com a planta-monarquia, a qual se encontrava estorricada, com a vida praticamente se esvaindo, em analogia com a crise monárquica. A legenda permanecia a mesma do outro periódico, limitando-se à questão que encerrava as possibilidades do avanço republicano: "Pegará?" (A VENTAROLA, 3 jul. 1887, p. 4-5).



Com forte inspiração religiosa, notadamente por ocasião da época do Natal, o semanário mostrou um verdadeiro presépio, com algumas particularidades que refletiam as contingências políticas da época. Os três reismagos eram personificados por homens públicos de então, mas havia uma presença marcante do republicanismo, notadamente na figura do barrete frígio, o qual aparecia no astro que orientara os caminhos até a manjedoura, no próprio Cristo e, fundamentalmente na mãe deste, que incorporava em si a imagem da deusa-republicana. A legenda salientava outro personagem presente na cena: "Em vista da decadência em que marcham os partidos constituídos, seria melhor que a nau do Estado fosse entregue a São José, enquanto o menino Jesus chega à maior idade. Esta adoração é muito edificante..." (A VENTAROLA, 8 jan. 1888, p. 8).



A dama-república-liberdade surgiria mais uma vez nas páginas do periódico, ostentando a bandeira da

democracia, mas sofrendo a repressão por parte de um político, que arrolhava a sua boca. Era uma referência à moção plebiscitária de São Borja, comunidade da fronteira sul-rio-grandense, cuja edilidade fizera a proposta da realização de um plebiscito para apreciar a continuidade da forma monárquica. O ato ganhou ainda mais repercussão, tendo em vista que o governo buscou cerceá-lo, servindo tal atitude para agudizar as manifestações do republicanismo. Nessa linha, a folha caricata pelotense comentava: "A pacata câmara municipal de São Borja, que jamais se salientou como espadachim e tem vivido na mais santa paz do senhor, é agora o alvo das iras governamentais e vai ser procurada e responsabilizada, por causa da patriótica *indicação de um plebiscito*!..." (A VENTAROLA, 29 jan. 1888, p. 4).



A mulher-república, vestida à romana, de barrete frígio e com a espada e a bandeira da república em suas mãos aparecia como a idealização da mudança na forma de governo, aproveitando a oportunidade da declaração de um parlamentar em torno da questão de que os povos da América tendiam ao governo do povo pelo povo. Perante tal caso, o periódico comemorava: "Os amantes da ideia republicana devem estar de parabéns, em vista do modo porque se manifestou um senador do império" (A VENTAROLA, 27 maio 1888, p. 8).



Um imperador decrépito e enfraquecido, sustentando-se com dificuldade a partir do uso de um cajado e praticamente sem condições de sustentar o cetro e a coroa, identificado com o monarquismo, era contraposto a uma vistosa imagem da deusa-república, em vestes romanas, de barrete frígio e espada à mão. A perspectiva do jornal era a de que a monarquia estava com os dias contados, anunciando-se para breve a instalação da república: "O que nos vale é que este estado anômalo vai já chegando ao seu termo, para dar lugar ao aparecimento do progresso" (A VENTAROLA, 15 jul. 1888, p. 5).



As cidades de Pelotas e Porto Alegre eram representadas por damas que trocavam entre si e admiravam exemplares de um jornal editado nesta localidade, anunciando *A Ventarola* que "A capital da província mandou-nos a *Denúncia*, como presente, que havia recebido de bom grado, e... de braços abertos, parece ter acolhido aquela publicação". A presença das ideias expressas pela folha porto-alegrense parecia ter perturbado o sono de um jornalista pelotense, que dormia atormentado pela imagem angelical da dama-república (A VENTAROLA, 26 ago. 1888, p. 8).





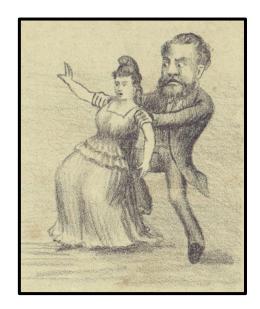
Diante de movimentação contrária à liberdade de cultos, *A Ventarola*, lembrava "o nosso colega da *Revista llustrada*", personificado no bobo da corte, a mais rotineira representação da imprensa caricata, o qual, alinhado com o ideário antimonárquico da folha pelotense, sentia-se muito à vontade nas proximidades da dama-republicana (A VENTAROLA, 16 set. 1888, p. 4).



A imagem da república-mulher aparecia nas páginas do semanário passando por maus bocados, ao ser açoitada, amarrada a uma árvore, ou ao sofrer um atentado contra a própria vida. O algoz da república, entretanto, teria triste fim, aparecendo em seu esquife, ladeado por duas figuras femininas, representando o despeito e a vaidade, ao passo que a dama-republicana indicava a morte de seu adversário.

O conjunto de caricaturas tinha por legendas: "O finado José do Patrocínio, em seu discurso no teatro Lucinda, na Corte, despeitado até a medula dos ossos com os republicanos, alcunha-os de despeitados e fustiga furiosamente a república. Jurou mesmo reduzir a linda moça à expressão mais simples. Tal é o prestígio que julga ter, como homem político... Mas o certo é que a república já aponta Patrocínio como homem morto... perante o patriotismo e o caráter..." (A VENTAROLA, 21 out. 1888, p. 8).



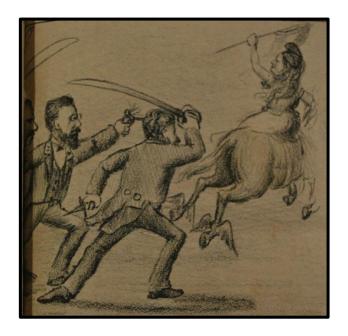




As disputas eleitorais entre as agremiações partidárias eram representadas pelo jornal na forma de uma corrida. À frente chegava um centauro, designando a vitória dos liberais, em seguida aparecia a deusa-república, que estaria em franco progresso, cavalgando o mítico Pégaso, e, por último, os conservadores, identificados como Buridan, um burro esquálido e com aves de rapina adejando sua carcaça, em referência às suas indecisões políticas. Nessa linha, a legenda descrevia: "Na corrida que teve lugar a 16 do corrente, em nosso prado político, coube a vitória ao Centauro Rio-Grandense; chegou em segundo lugar Pégaso, guiado pela elegante amazona república. Tocou a culatra o histórico burro de Buridan que, além de mal composto, não teve quem o guiasse na pugna" (A VENTAROLA, 24 fev. 1889, p. 5).



A dama-república apareceria novamente a cavalgar o Pégaso, após ser atacada por indivíduos fortemente armados. Tratava-se de uma crítica da *Ventarola* à postura indolente dos políticos, afirmando que eles viriam a "distribuir *crachás*, não só por paisanos, mas por militares, a fim de ver se é possível dar um golpe à ideia democrática" (A VENTAROLA, 10 mar. 1889, p. 5).



As adesões ao republicanismo eram noticiadas pela folha caricata pelotense, como ao mostrar uma dama embelezando-se à frente do espelho, ajeitando seu barrete frígio, em alusão ao ingresso nas greis republicanas. Havia também uma identidade profissional da personagem, a partir das ferramentas que a acompanhavam na cena. A legenda era: "A Liga, por sua parte, havia já declarado que nada tinha com liberais ou conservadores. Todos ficaram julgando que aquela senhora havia se passado com armas e bagagens para o partido republicano" (A VENTAROLA, 12 maio 1889, p. 4).



A iminência da derrocada monárquica voltava à pauta, ao mostrar a dama-republicana, de machado à mão, a derrubar uma árvore, identificada com a monarquia, que, na concepção da folha, já estava apodrecida e pronta para cair: "Esta árvore já não dá fruto; está velha e *carunchada*: o verdadeiro é cortá-la... pela raiz. A questão é apenas de tempo..." (A VENTAROLA, 26 maio 1889, p. 5).

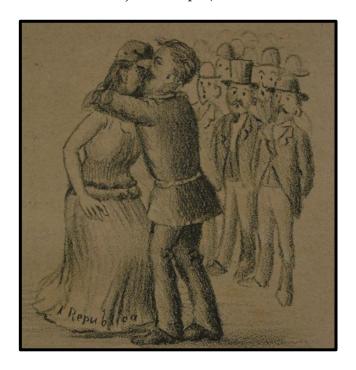


Um novo caso de adesismo era ilustrado pela *Ventarola*, ao mostrar um clérigo, que resolvera colocar o barrete frígio e ir em direção à dama-república para abraçala, diante do ar estupefato do representante da monarquia. O jornal comentava o ocorrido, lançado a pecha de sebastianistas aos defensores do pensamento monárquico: "O nosso colega do *Correio* que continua a ser mais realista que o rei, admirou-se de ter o padre João Manoel abandonando a monarquia e abraçado à república. É que nem todos estão dispostos a *esperar pela vinda D'El Rei D. Sebastião*" (A VENTAROLA, 16 jun. 1889, p. 8).

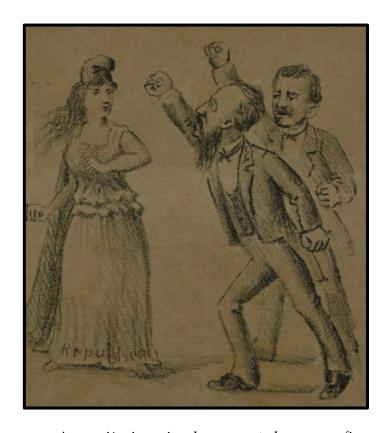


A folha pelotense ainda tecia críticas ao posicionamento de jornalista monarquista, que aparecia abraçado à dama-republicana, para espanto dos assistentes. Na óptica do jornal, tal indivíduo não teria demonstrado uma compreensão aprofundada quanto ao ideário republicano: "E o fez, textual, por julgar ingênua e bemintecionadamente, que a monarquia americana não é

incompatível com a democracia ainda a mais adiantada..." (A VENTAROLA, 30 jun. 1889, p. 4).



A imagem da mulher-república era ilustrada como alvo de protestos e insultos de parte de políticos monárquicos. De acordo com *A Ventarola*, tal postura seria condenável, por revelar plena falta de conhecimento de causa, quanto aos destinos do país: "O que os *cujos* não admitem é que chegara a época da decrepitude e que só podem agir com o concurso de terceiro. Custa-lhes também acreditar que a democracia já esteja pesando na balança da política do país. Questão de tempo" (A VENTAROLA, 30 jun. 1889, p. 8).



A consciência nacional, representada por uma figura feminina, aparecia sendo ludibriada por um político, que depois se aproveitava de sua inocência para arrastá-la pelas ruas. Segundo o semanário pelotense, tais desmandos levariam inevitavelmente ao derruir da monarquia, representado pelo surgimento de um barco carregando a deusa-republicana. O conjunto de caricaturas tratava da intenção do gabinete liberal de não deixar nenhum republicano entrar na câmara. Diante disso, a folha comentava: "Era mesmo de esperar que não fosse nenhum. As eleições foram um verdadeiro *can can*. A consciência

nacional, essa infeliz esposa do civismo brasileiro, rendeu-se logo aos afagos do Sr. A. Celso. Para ser depois arrastada pelas ruas da amargura das nossas desditas políticas"; e vaticinava: "E quem sabe o que será o dia de amanhã?... Novo barco construído com os destroços do primeiro bem poderá levar às praias do futuro os verdadeiros paladinos da liberdade pátria" (A VENTAROLA, 27 out. 1889, p. 4).







A proclamação da república foi enaltecida pela Ventarola com a ilustração da deusa-republicana ostentando o novo pavilhão nacional, ao ser ovacionada pelo povo, acompanhada do comentário entusiástico: "Felizmente, a nova aurora que raiou para os nossos destinos de nação livre e civilizada teve as saudações delirantes de um povo inteiro. Viva a república!". No mesmo conjunto de desenhos, a nova forma de governo era associada à liberdade, designada como uma mulher que rompia com os grilhões da escravidão, apontada como aquela que deveria substituir a estátua equestre de D. Pedro I no Rio de Janeiro, alvo de profunda contestação dos republicanos, que a chamavam de "mentira de bronze", em clara manifestação do pensamento antimonárquico. Nesse sentido, a folha afirmava: "E no lugar onde se ergue a mentira de bronze, levantemos a estátua da liberdade, hoje que não há um recanto da América onde

não se ouça um hino de glória à república" (A VENTAROLA, 24 nov. 1889, p. 4).



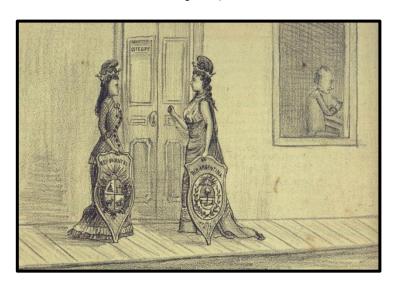


As homenagens permaneciam já nas últimas edições do hebdomadário pelotense, que apresentava a deusarepública sendo recebida por homens públicos, os quais lhe abriam um caminho todo florido. Na ocasião, a *Ventarola* estabelecia censuras a um jornal que fazia críticas ao governo republicano, e, por isso, era acusado de pregar a restauração monárquica. Segundo o periódico caricato: "O governo que felizmente nos rege vai alastrando de flores a estrada que tem de percorrer a nossa querida pátria. Bravo!" (A VENTAROLA, 8 dez. 1889, p. 4).



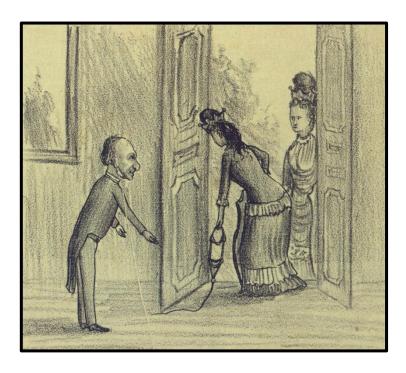
Mesmo no âmbito das relações exteriores prevaleciam os preceitos republicanos da folha pelotense, como ao retratar as repúblicas platinas vizinhas que, ao negociar com um político monárquico, tinham levado amplas vantagens. O desenho mostrava a república oriental

e a república argentina, cada qual identificada por seu respectivo escudo, indo visitar um ministro brasileiro. Elas eram bem recepcionadas e revelavam que suas intenções eram as de promover a entrada de seus produtos nas fronteiras brasileiras, garantindo que eles seriam de qualidade e livre de doenças: "Trouxe-nos à terra de V. Exa. a convicção que nutrimos de que a *carne seca* e a alfafa não são veículos transmissores do cólera asiático". O homem público fechava o negócio, aceitando os produtos uruguaios e argentinos, saindo satisfeitas as representações femininas de cada um dos países, anunciando que se deslocariam para os pampas, enquanto o ministro brasileiro despedia-se gentilmente: "Vão com Deus e mandem charque e *alfafa*" (A VENTAROLA, 4 dez. 1887, p. 4-5).









A postura da folha era a de buscar promover a harmonia entre o Brasil e sua vizinhança republicana, como ao aplaudir uma possível solução para uma questão de fronteira brasileiro-argentina. Com as equipes de estudo ao fundo, o jornal apresentava o indígena que simbolizava o Brasil, em cordial aperto de mão com a dama-republicana, designando a Argentina, vindo a comentar: "Não podia ser mais digno para brasileiros e argentinos o termo a que chegou a questão internacional das Missões, que, segundo o tratado de 7 de setembro último, será submetido à solução arbitral do presidente dos Estados Unidos, caso os dois governos interessados não chegarem no prazo de noventa dias a um acordo completo na demarcação de limites" (A VENTAROLA, 29 set. 1889, p. 1).



As figuras femininas também se fizeram presentes nas críticas estabelecidas pelo semanário caricato às estruturas políticas vigentes. Nessa linha, o jornal mostrava o índio-Brasil levando duas jovens damas, representando a lavoura e a indústria nacional, diante de autoridade governativa imperial, cobrando providências que atendessem aos interesses da mesma, e revelando-se em plena derrocada: "Senhora! Desejo saber qual é o destino que aguarda estas infelizes. Por minha parte estou velho, pobre e embelizariado, isto é, quase falido" (A VENTAROLA, 17 jun. 1888, p. 8). As mesmas personagens femininas se encontravam em difícil situação, sendo aniquiladas por uma criatura monstruosa. Na visão do jornal, a ação governamental era tão pífia, que levava à desagregação

daquelas atividades econômicas: "Ao passo que nos países civilizados a indústria e a lavoura encontram proteção nos seus governos, entre nós parece existir um monstro que tem a peito esmagá-las" (A VENTAROLA, 24 jun. 1888, p. 8).





Os questionamentos da folha se davam em direção à própria ação política. Ela era mostrada como uma mulher que dançava alegremente com um grupo suspeito, envolvendo outra moça – a jogatina –, malfeitores, corruptos e até mesmo o demônio. Perante tal cena, o periódico comentava: "Não há nada mais pândego neste mundo do que seja a política: ela, que vive no mais desenfreado charivari é quem nos dá as cartas, infelizmente". Em plena ação moralizadora, o hebdomadário mostrava como a mulher-política deveria ser tratada, ao representar-se como o bobo da corte que dava às costas para ela, junto da explicação: "A Ventarola é que encara, como se deve, com a nossa política" (A VENTAROLA, 26 ago. 1888, p. 4-5).





Segundo o semanário, era a própria opinião pública, representada por uma jovem, que criticava a política, apresentada como uma mulher vendada e de braços dados com um ancião. Com relação a tal circunstância, a folha se manifestava: "Mas é que a política traz os olhos vendados para não ver... o que lhe não convém" (A VENTAROLA, 11 nov. 1888, p. 4). Em pleno clima de carnaval, a política monárquica era mostrada nas vestes de uma colombina, mantendo um comportamento desbragado e lascivo com os homens públicos, gerando o comentário: "O que é a política monárquica? O que é a faina dos partidos constituídos?" (A VENTAROLA, 10 fev. 1889, p. 4).



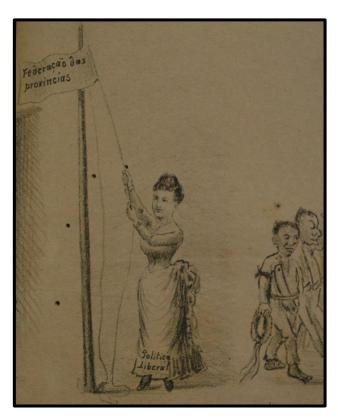


A imprensa monárquica era também simbolizada por uma mulher, primeiramente agarrada ao poste com o pavilhão nacional, sob a observação dos republicanos e depois tendo os olhos abertos à força para a realidade, pela dama-opinião pública. A legenda era: "O que nos amola é que para contrabalançar as tramoias palacianas não dispomos – nós, o povo minhoca – das luzes e dos bons ofícios dos *radicais*, que se acham agarrados ao pau da bandeira... Entretanto... nós cá os esperamos: a opinião fez de uma câmara escravagista o delegado da sua vontade. Ela há de reduzir os emperrados, abrindo-lhes os olhos e apontando-lhes o caminho do progresso" (A VENTAROLA, 2 jun. 1889, p. 5).



Uma figura feminina serviu também para representar a política liberal, que levantava em um mastro a

bandeira da "federação das províncias". Como tal proposta também fazia parte do ideário republicano, o jornal indicava que aquela política estaria esvaziando o próprio programa liberal: "A realidade, porém, veio dar fim a tão doces ilusões, às mais fagueiras esperanças..." (A VENTAROLA, 9 jun. 1889, p. 5). Em outras cenas, políticos monárquicos intentavam ludibriar a dama-opinião pública: "É o que lhe digo Exmo. ... a dissolução há de vir... olá se há de!... Espere a solução, que a dissolução virá irremediavelmente... Eu confio no senso comum" (A VENTAROLA, 16 jun. 1889, p. 1).





A imagem feminina da política aparecia também presa a várias teias de aranha, em alusão às tramoias com as quais sua ação se envolvia: "A política do país está por tal forma enredada, que ninguém a entende e reconhece" (A VENTAROLA, 23 jun. 1889, p. 4). Já diante da política desenvolvida no parlamento, uma figura feminina se via ameaçada de ter a vida ceifada por um golpe de machado, tendo em vista as negociatas realizadas entre o governo e a casa parlamentar: "Enquanto dormia, como o *Bendegó*, em cima, um projeto de liberdade de cultos, na câmara de deputados, a coroa pedia bispados para todas as províncias" (A VENTAROLA, 23 jun. 1889, p. 8).

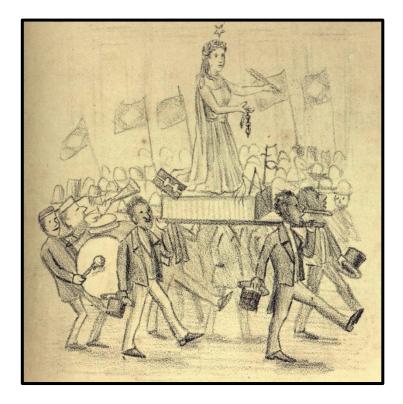




Ao lado da liberdade política, o periódico militou em nome da liberdade social, tendo convivido com a abolição da escravatura, ato que foi por ele peremptoriamente aplaudido, ao mostrar a saudação ao 13 de Maio, com uma dama que rompia os grilhões de um escravo, afirmando: "Na pátria de Queiroz, Nabuco e Dantas. Quebram-se as algemas aos escravos!..." (A VENTAROLA, 3 jun. 1888, p. 4-5).

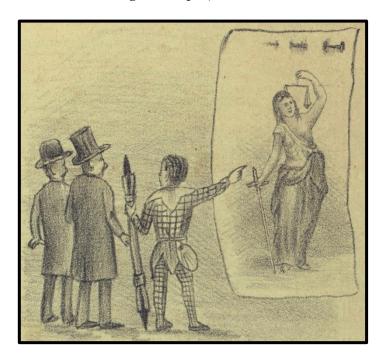


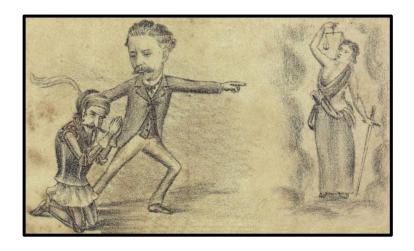
A folha mostrava também as festividades de rua em homenagem à abolição, apresentando uma procissão, na qual a deusa-liberdade era praticamente cultuada com louvor, sendo transportada com ares que beiravam a santidade, coroando o conjunto dos festejos. Não deixando de lado sua feição crítica, o jornal afirmava: "Ficou evidentemente provado que, sem o auxílio dos grandes, o povo pode elevar-se e que os grandes não o podem ser, sem as adesões públicas" (A VENTAROLA, 10 jun. 1888, p. 5).



A justiça foi outra instituição representada pela Ventarola a partir da iconografia feminina. Nessa linha, o

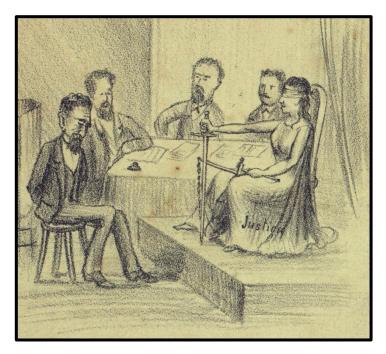
bobo da corte mostrava à população a tradicional imagem da dama-justiça, desenhada em um cartaz, ao mesmo tempo em que, diante de um "horroroso assassinato", dizia que "o povo, não descrente de todo ainda, confia na lei e espera que a justiça seja feita" (A VENTAROLA, 8 abr. 1888, p. 5). Em sentido próximo, diante das notícias de parte das gazetas diárias de maus tratos que estariam sendo cometidos por um delegado de Canguçu a um membro da colônia portuguesa, surgia a notícia de que um advogado tomaria "a defesa do oprimido, reduzindo o opressor àquilo que merece como autoridade... sui generis". O desenho representava tal cena, com o jurisconsulto expondo o culpado, ironicamente trajado de cavaleiro medieval, diante da dama-justiça (A VENTAROLA, 19 ago. 1888, p. 8).





Mas também sobre a justiça pairava o olhar crítico, como ao mostrá-la prostrada em uma cadeira, sem maior iniciativa no julgamento de um réu, diante do que era demonstrado o descrédito na instituição judiciária: "Agora, para coroar a obra, e na forma do louvável, é justo que se peça informações do delito ao próprio delinquente" (A VENTAROLA, 26 ago. 1888, p. 4-5). Outra denúncia contra os desmandos da dama-justiça estava ligada aos excessos praticados na coerção à imprensa, com a notícia da perseguição a um "colega jornalista", situação qualificada como um "caso grave", pois o escritor público encontrava-se "entre a cruz e a caldeirinha". A própria redação da Ventarola revelava seu receio de quem também a ela a justiça viesse a pegar "(A VENTAROLA, 2 set. 1888, p. 4-5). As ações coercitivas também levaram o jornal a mostrar outra figura feminina, a da liberdade de pensamento, apresentada como uma vestal fiscalizada com muita proximidade por parte das autoridades policiais. Nessa linha, a folha relatava que uma tipografia era "guardada todas as noites por uma força de linha" e, diante de tal circunstância, campeava

"triste e choroso, um vulto de mulher que dizem ter-se chamado em outros tempos – liberdade de pensamento" (A VENTAROLA, 13 out. 1889, p. 4).







Como era comum às publicações caricatas, o contexto citadino também se fazia presente na Ventarola a partir da representação feminina. Sob a óptica crítica, o periódico censurava a expansão da jogatina, com a qual estaria compactuando a própria cidade de Pelotas, apresentada como uma mulher completamente envolvida com o jogo de cartas. Segundo a folha, tal hábito levaria ao empobrecimento da urbe: "Não obstante, a Princesa do Sul, que gosta da coisa, vai jogando alegre e satisfeita, embora tenha já roto o seu fato. Ela diz que vai comprar uma placa enquanto moça, para quando chegar à velhice..." (A VENTAROLA, 17 jul. 1887, p. 8). A dama-cidade de Pelotas aparecia também cercada de riquezas e apoiada na coluna do progresso, entretanto, o bobo da corte, com a ventarola e o crayon à mão, colocava em dúvida os motivos que teriam levado àquela situação de prosperidade: "Se não fora aquele salutar acordo, teríamos o caldo entornado e... adeus minhas encomendas..." (A VENTAROLA, 13 nov. 1887, p. 4).





A moção plebiscitária de São Borja, que colocava em dúvida a continuidade da forma monárquica, foi também enfocada pelo semanário, contestando a postura da cidade de Pelotas, que teria sido ambígua. De acordo com tal perspectiva, a comuna pelotense era apresentada como uma malabarista que buscava se equilibrar na corda bamba.

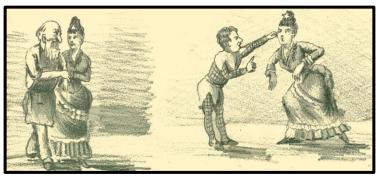
Enquanto relatava que a câmara do Rio Grande rejeitara aquela indicação de plebiscito, o periódico declarava que: "A nossa galante *Princesa do Sul*, que nunca fica mal, saiu-se perfeitamente do tal joguinho. S. A. recebeu dois ofícios da câmara de São Borja, ambos em sentido contrário: por isso tomou apenas conhecimento do fato... Tableau!!..." (A VENTAROLA, 4 mar. 1888, p. 5).

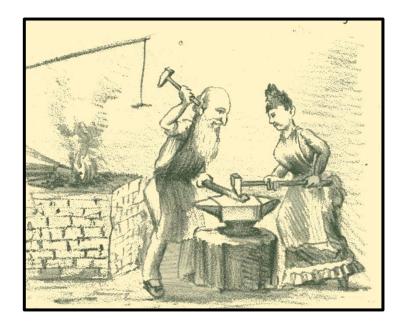


As rivalidades entre as cidades de Pelotas e do Rio Grande também foram retratadas pela *Ventarola*, ao mostrar esta como um ancião plenamente entregue ao trabalho e aquela como uma dama que apenas se orgulhava de sua beleza. Na visão do jornal, o velho tendia a engambelar a moça, a ponto que o próprio bobo da corte intervinha para chamar atenção dela, resultando que ela também viria a

entregar-se às durezas do trabalho. Assim o hebdomadário descrevia a historieta: "O nosso vizinho Rio Grande encetou nova campanha contra nós. E o que parece é que ele continua a passar a perna na galante *Princesa do Sul*. Levando para si todas as suas riquezas. *A Ventarola* aplaude sinceramente o procedimento do velho ativo e trabalhador. À formosura, para realçar, é preciso que se recomende por outros predicados..." (A VENTAROLA, 3 fev. 1889, p. 4-5).







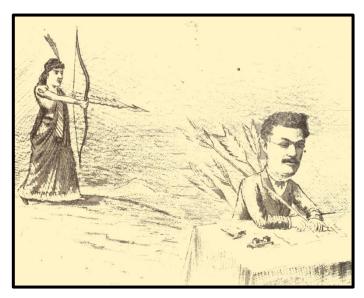
Ainda no âmbito citadino, a folha pelotense não via com bons olhos os excessos da época carnavalesca, mostrando duas moças, a "galhofa" e a "pândega" completamente entregues às orgias de momo e comentando: "Esta vida não se pode levar a sério: cada um trate de passála mais ou menos, num *suculento can-can*" (A VENTAROLA, 12 fev. 1888, p. 4). Outra representação feminina era a da "medicina" que se engalfinhava com a simbologia da peste, intentando evitar que mais uma epidemia se espalhasse pelo contexto urbano: "Será a ocasião de vermos a medicina a braços (não aos braços)... com a febre amarela, medindo as suas forças..." (A VENTAROLA, 17 mar. 1889, p. 5).





Retomando o campo político, um processo eleitoral na conjuntura local levava um indivíduo a despedir-se da dama-província, e o periódico não perdia a oportunidade para comentar: "Vejam só estes resultados da política..." (A VENTAROLA, 5 maio 1889, p. 1). Nem mesmo a própria imprensa escapava ao prisma crítico da Ventarola, ao apresentá-la como uma mulher que flechava um jornalista pelas costas, tendo em vista desentendimentos quanto ao encaminhamento de um projeto. Diante da cena, a folha constatava: "Esta senhora entende que todos devem pensar pela sua cabeça" (A VENTAROLA, 28 abr. 1889, p. 1). Mais tarde, o bobo da corte buscava convencer sobre o desacerto da imprensa-arqueira, que parecia depor as armas: "Quanto a esgotos, o que há de mais recente é que a notícia da sanção dos mesmos, dada pelo Correio, está confirmada. Inda haverá incrédulos, Exma. Sra." (A VENTAROLA, 5 maio 1889, p. 5).







A cidade de Pelotas contou com significativo progresso econômico no século XIX, avanços que também fizeram sentir seus efeitos no campo cultural, com formidável difusão do jornalismo. Nesse quadro, a imprensa desenvolver-se, encontrou espaço para caricata aprimorando o viés irônico, bem-humorado e crítico, ao caricaturalmente as vivências sociais. acontecimentos que marcaram a transição monarquiarepública encontrariam forte eco nesse gênero jornalístico, como foi o caso da Ventarola, apontando os episódios que marcaram a desintegração monárquica e a ascensão republicana. A tradição de representar a república através da imagem feminina - assim como outras instituições - foi utilizada de maneira abundante pelo hebdomadário pelotense. Nesse sentido, a Ventarola contribuiu fortemente para a formação de arquétipos simbólicos acerca daquela figura feminina, colaborando inclusive visualmente na construção de certas facetas no âmago da mentalidade coletiva gaúcha acerca da forma de governo instaurada a 15 de novembro de 1889 (ALVES, 2008, p. 61).

Apêndice Imagens da república-mulher

Um ponto de interseção entre o *Cabrion* e *A Ventarola* foi a propaganda do ideal republicano. A primeira folha ilustrada pelotense teceu severas críticas ao status quo monárquico, de modo que almejar a mudança na forma de governo foi uma constante em suas páginas. Já a segunda, conviveu com os anos de agonia da monarquia, e permaneceu na campanha pela transformação, vindo a acompanhar a queda monárquica e a ascensão republicana, a qual aplaudiu com entusiasmo. Levando em conta que o humor visual carrega consigo a força de suas sínteses críticas sobre diferentes assuntos (SILVA, 1990, p. 9), ambas as publicações caricatas da cidade de Pelotas recorrentemente lançaram mão da imagem feminina para simbolizar a república.

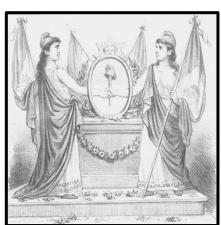
A dama-república constituía uma já tradicional e histórica representação, cuja inspiração mais aguda desenvolveu-se a partir da Revolução Francesa, estendendo-se para os vários ciclos revolucionários que marcaram a vida de diversos países europeus, inclusive a própria França, mormente na primeira metade do século XIX. Nesse sentido, a alegoria feminina dominava a simbologia cívica francesa, representando a liberdade, a revolução e a república, carregando consigo uma inspiração clássica, oriunda da Roma Antiga, na qual a mulher já designava a liberdade. Desse modo, o republicanismo no Brasil teve

grande riqueza de imagens e símbolos em que se inspirar, mas o uso mais recorrente foi exatamente o da alegoria feminina (CARVALHO, 1993, p. 75 e 78-79). Instaurada a nova forma de governo, em novembro de 1889, a cristalização da simbologia feminina veio a demonstrar sua força e a imprensa ilustrada, tanto no contexto brasileiro, quanto no internacional, deixou aflorar tal representação, como demonstra esta breve amostragem.

A Revista Ilustrada (Rio de Janeiro, 1876-1898), que sua existência em torno da perspectiva orientou antimonárquica, apoiou entusiasticamente a transição política brasileira, estampando tais aplausos em suas últimas edições de 1889, na quais a dama-republicana exerceu intenso protagonismo. No dia seguinte ao ato, a folha apresentou alegoria acerca da "proclamação da república no Brasil", exclamando: "Glória à pátria! Honra aos heróis do dia 15 de Novembro de 1889. - Homenagem da Revista Ilustrada". Ao fundo, aparecia a cena clássica de Deodoro da Fonseca proclamando a nova forma de governo, mas, em primeiro plano, vestida à romana e de barrete frígio, estava estampada a "dama-república", que portava a espada, o escudo e o novo pavilhão nacional. Ao chão, prostrado e de joelhos sobre sua pasta, o representante do último gabinete imperial, entregava-lhe a coroa em uma almofada, como uma representação da passagem do poder. A figura feminina tinha sobre sua cabeça uma estrela, no sentido da iluminação que carregava em si. Além disso, o mastro que levava a novel bandeira, era ornado com uma coroa de louros, como um sinal da vitória dos ideais republicanos. Outro elemento constitutivo da alegoria estava vinculado ao solo no qual pisava a mulher, todo ele dominado pela inspiração floral, como mais uma à transformação que se desencadeava homenagem (REVISTA ILUSTRADA, 16 nov. 1889, p. 8).



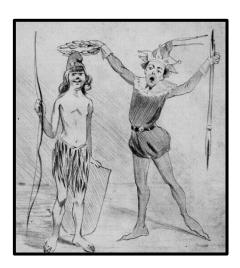
Em outra edição da Revista Ilustrada, ocorreria o encontro entre duas damas republicanas, a argentina e a brasileira. Cada uma portava o seu respectivo pavilhão nacional e, perante um altar, mantinham um fraterno aperto de mão, o qual envolvia um bastão com o barrete frígio à ponta. A alegoria dava ares de monumento, tanto que elas se encontravam sobre um degrau, mais uma vez coberto por flores. Havia também toda uma inspiração em torno de um pan-americanismo, envolvendo a festa republicana que à época se fazia referência, no sentido de que o Brasil, com a instalação da república, finalmente viria a deixar de estar voltado para a Europa, virando-se e irmanando-se com as demais repúblicas do continente americano. Nessa linha, a folha ilustrada afirmava que, "após um longo período de desconfianças", Argentina e Brasil selavam "o pacto de uma franca e imperturbável amizade". Na mesma edição, o semanário mostrava a jovem dama-republicana, apoiada em um escudo com a nova nomenclatura do país. Outra vez ela estava vestida à romana e com o barrete frígio, além de também contar com a orientação luminosa de uma estrela que pairava sobre a sua cabeça. Apostando na vitória do novo regime, a *Revista Ilustrada* afirmava que continuava "sempre calma e sedutora a nossa jovem república" (REVISTA ILUSTRADA, 14 dez. 1889, p. 1 e 4-5).

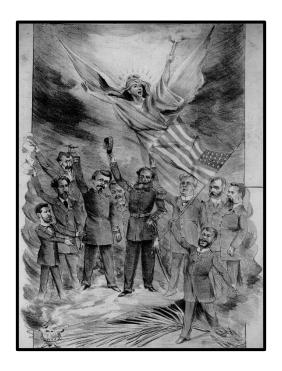




Outro periódico ilustrado e humorístico de tendência republicana foi *O Mequetrefe* (Rio de Janeiro, 1875-1892), que também trouxe ao público a representação feminina por ocasião da transição na forma de governo brasileira. Em uma delas era o próprio bobo da corte com o crayon à mão – em plena simbologia da imprensa caricata – quem homenageava a transformação política. A república foi representada, de maneira bastante estilizada, por uma menina, ainda na puberdade, que trazia o barrete frígio, mas se encontrava com o torso nu, vestindo apenas uma tanga indígena. Era uma alusão à tradicional representação da nacionalidade brasileira por meio de um índio, que fora

recorrente à imprensa ilustrada do século XIX. A jovem-república carregava um arco e um escudo, em uma mescla da simbologia clássica da república, com a aludida figura de inspiração indígena. Diante da cena, o bobo da corte dizia: "deposito em tua cabeça a grinalda da vitória". O outro desenho era uma alegoria em homenagem à "proclamação da república federal brasileira, no dia 15 de novembro de 1889". Tal ilustração era composta pelos retratos de alguns dos principais, idealizadores e realizadores da nova forma de governo, todos sobre uma palma, alusiva à vitória, e um deles trazendo a primeira bandeira projetada para o país sob o novo regime. O ponto central da representação alegórica era a figura feminina que pairava no céu, iluminada e com asas, carregando consigo a designação da deusa-república, a qual portava a tocha que deveria alumiar os caminhos dos novos governantes (O MEQUETRE, 18-19 nov. 1889, p. 1 e 4-5).





A mudança na forma de governo brasileira despertou a atenção da imprensa internacional, surgindo espaço para várias aparições da dama-república. Uma delas deu-se na folha humorístico-ilustrada *A Comédia Portuguesa* (Lisboa, 1888-1889) através da edição de uma caricatura denominada "A anunciação". No desenho, a transformação política do Brasil foi observada pelo periódico por meio de uma alegoria na qual a imagem da república era designada pela representação tradicional da mulher vestida à romana e de barrete frígio, mas, no caso, tratando-se de um ser alado, o que lhe dava a conotação de divindade, ou seja, era a deusa-liberdade-república. Ela indicava ao imperador decaído que ele teria de ceder-lhe o seu lugar. Em um cenário pobre em detalhes, onde somente apareciam ao

fundo as palmeiras, no sentido da pátria que deveria ser abandonada, o imperador, em trajes de viagem, com um guarda-chuva e uma mala de sonetos, limitava-se a expressar a frase que mais lhe foi atribuída no período e que tanto designava a sua suposta sujeição paciente às contrariedades da vida: "Já sei, já sei" (ALVES, 2017, p. 213).



Na Espanha, a *Campana de Gracia* (Barcelona, 1870-1934) saudava "com entusiasmo a república no Brasil", aplaudindo a existência de "mais uma no grupo" das repúblicas. A dama-republicana pairava sobre o oceano, carregando bandeira que vivava a nova forma de governo e

os louros da vitória, que também eram levados até ela por uma ave. Ao canto da ilustração, o galo fazia referência a outra república então existente, a da França (ALVES & MONICO, 2015, p. 73).



Já o italiano *Il Fischietto* (Turim, 1848-1916) mostrava a dama-república de arma à mão, entregando uma mala ao ex-imperador D. Pedro II, indicando-lhe o caminho da saída do Brasil. O mesmo periódico apontava para um suposto caráter de volubilidade da igreja, ao mostrar um clérigo abençoando a república brasileira, a qual teria expulsado a família imperial, até então sustentadora da religião oficial como base das estruturas imperiais. Da figura feminina aparecia apenas o busto, dando a vista pelo menos os tradicionais trajes à romana e o barrete frígio. Na mão ela carregava a bandeira provisória do Brasil republicano (ALVES & MONICO, 2015, p. 76 e 78).





Finalmente, a revista francesa *Le Triboulet* (Paris, 1878-1925) imaginava com jocosidade um encontro entre a dama-república francesa, velha e andrajosa, e a dama-república brasileira, jovem e exuberante, em trajes sensuais e coloridos, e ostentando riqueza em suas joias. A velha questionava o motivo da outra não ter comparecido à exposição universal, ao que a outra respondia que fora por

receio de que um dos líderes republicanos tivesse roubado suas preciosidades (ALVES & MONICO, 2015, p. 91).



Essa pequena amostragem serve para demonstrar a universalização da representação da república a partir da figura feminina, tomando por base a transição política ocorrida no Brasil em novembro de 1889. Nessa linha, o *Cabrion e A Ventarola*, em suas campanhas antimonárquicas demonstravam que a simbologia por eles empregada para promover seus ideais políticos estavam em plena consonância com as práticas da imprensa ilustrada brasileira e mundial da época. As folhas pelotenses tiveram múltiplas fontes de inspiração, pois a alegoria feminina da damarepública já contava com ampla aceitação/compreensão do público leitor.

Referências bibliográficas

ALVES, Francisco das Neves. República-mulher: a nova forma de governo sob o olhar da imprensa caricata da zona sul gaúcha. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, a. 87, n. 142, Porto Alegre, 2008, p. 49-61.

_____. Visões espelhadas d'além-mar: a primeira década da república brasileira sob o prisma da imprensa portuguesa. Rio Grande: Editora da FURG, 2017.

ALVES, Francisco das Neves & MONICO, Reto. *Desventuras* de um imperador sem trono: a gênese da república brasileira no olhar da imprensa satírica europeia. Lisboa: CLEPUL, 2015.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da república no Brasil*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1993.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Editora Moraes, 1984.

FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata no Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962.

JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Lisboa: Edições 70, 2004.

SCHMIDT, Rita Terezinha. *Descentramentos/convergências:* ensaios de crítica feminista. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017.

SILVA, Marcos A. da. *Caricata república: Zé Povo e o Brasil.* São Paulo: Marco Zero; MCT/CPNq, 1990.



A Cátedra Infante Dom Henrique para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização e a Biblioteca Rio-Grandense reuniram esforços para editar a Coleção Rio-Grandense. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação prenhe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A Coleção Rio-Grandense tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.





